



O Mural Interativo: Uma Proposta de Educação Estética com Estudantes de Psicologia

Lígia Carvalho Libâneo¹

Luana Alves Brunes²

Resumo

As produções humanas em diversas formas de expressão artística podem fazer parte de nosso repertório cultural em função de nosso enraizamento na cultura. Nesse sentido, a educação estética contribui para ampliar nossas possibilidades de percepção, vivenciamento, expressão e criação de produções artísticas. Neste artigo, relatamos o processo de construção e de desenvolvimento do “Mural interativo: colando imagens e sentidos” como ferramenta de mediação para educação estética de estudantes de psicologia. O mural é um dos produtos de um projeto de extensão na ênfase curricular dos processos educativos. O mural foi uma instalação no ambiente universitário realizada como uma ação de acolhimento durante a semana de volta às aulas do curso de psicologia. As mediações constituintes do mural fizeram encontrar artistas, produções artísticas e corpos expressivo-criadores, convidando à participação, ao deslocamento do psiquismo e à expansão da consciência, nos termos de uma educação estética histórico-cultural. O mural tornou-se simultaneamente ferramenta de formação e de investigação, movimentos integrados por uma experiência coletiva e participativa.

Palavras-chave: Psicologia; Histórico-cultural; Educação Superior; Educação estética; Formação.

Abstract

Human productions across diverse forms of artistic expression can become part of our cultural repertoire due to our deep-seated cultural embedding. In this context, aesthetic education contributes to broadening our possibilities for perceiving, experiencing, expressing, and creating artistic works. In this article, we report on the construction and development process of the “Interactive Mural: pasting images and meanings” as a mediating tool for the aesthetic education of psychology students. The mural is one of the outputs of an extension project within the curricular emphasis on educational processes. The mural was installed in the university environment as a welcoming action during the psychology program's back-to-school week. The mediation elements composing the mural brought together artists, artistic productions, and expressive-creative bodies, inviting participation, a shift in the psyche, and the expansion of consciousness, in terms of a historical-cultural aesthetic education. The mural simultaneously became a tool for educational development and research, movements integrated through a collective and participatory experience.

KeyWords: Psychology; Historical-Cultural; Higher Education; Aesthetic Education; Professional Training.

¹ Lígia Carvalho Libâneo – Doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (Psicologia/UnB). E-mail: ligiaclibaneo@gmail.com

² Luana Alves Brunes - Graduanda do curso de Psicologia da UNIALFA E-mail: luanaalvesbrunes@gmail.com





Primeiro dia de aula no curso de psicologia. Para calouros(as), ato inaugural de uma jornada; para veteranos(as), um tempo-portal de transição entre as férias e o início do semestre. Esse tempo-chegada solicita ações de acolhimento. Com esse sentido, instalamos um mural de avisos, coberto com papel kraft, intitulado *Mural interativo: colando imagens e sentidos*, no salão de passagem com objetivo de ativar um lugar de trânsito.

Diante de uma colagem no centro do mural, estudantes são convidados(as) ao exercício de nomear, inventando títulos para a expressão artística, preenchendo os espaços vazios com papéis coloridos. Ao lado do mural, a proponente acompanha o processo e faz convite ao gesto do outro. No mosaico de títulos, a presença do social que faz da superfície do mural um suporte das expressões singulares. No canto do objeto, há um *qr code* para registro das apropriações singulares e posterior acesso e conhecimento da equipe de proponentes. O primeiro dia do mural encerra-se com a última aula. No dia seguinte, tem mais. Em breve, essa cena se repetirá de um jeito novo.

Foi assim que nossa imaginação concebeu o mural interativo, que foi planejado no Projeto de Extensão “Intervenções psicológicas com uso de materialidades artísticas mediadoras de desenvolvimento de pessoas e de comunidades”. O mural surgiu do material acumulado por meio de nossa própria experiência ou da experiência de outros, o qual passou por um processo de reelaboração. Fomos, ao longo do projeto, por diversas vezes, associando e dissociando impressões percebidas da realidade, tomando-as como ponto de apoio para nossa futura criação (Vigotski, 2009).

Tudo isso começou com um convite da coordenadora do curso de psicologia de nossa instituição para ocuparmos o espaço da extensão na ênfase curricular dos processos educativos. Esse convite nos convocou a um exercício de materialização. A educação estética de base histórico-cultural foi a maneira

que escolhemos para contribuir com a formação de psicólogos(as) na ênfase dos processos educativos.

A educação estética foi apresentada por Vigotski (2004) a professores de sua época como algo muito diferente de contemplação para satisfação e prazer. Desvinculou a arte de um procedimento para transmissão de conhecimentos de outras disciplinas ou para transmissão de mensagem moral. A arte opera como uma ferramenta das emoções por ter se tornado uma técnica social dos sentimentos (Vigotski, 2025). É uma ferramenta utilizada pelo artista para organizar e construir um sistema de impressões externas ou interferências sensoriais que atuará sobre o sujeito, estimulando um tipo de reação diferente do que habitualmente ocorre (Vigotski, 2004).

Diante de uma produção artística, constituída de signos que requisitam nosso pensar e sentir, somos desafiados a construir e a criar essa materialidade (Pederiva, Oliveira, Miranda & Pederiva, 2022). A apropriação da produção artística exige nossa postura ativa para perceber, reunir e sistematizar os elementos dispersos da totalidade artística. É assim que nos tornamos elaboradores e criadores da produção artística assim como o(a) próprio(a) artista (Vigotski, 2004).

Ainda que sejamos inseridos na produção artística da(s) sociedade(s) desde criança, a educação pode ampliar nossas habilidades para perceber, vivenciar e criar obras de arte. Vigotski (2004) propõe três tarefas para a educação estética, são elas: educar a criação infantil; ensinar profissionalmente as crianças essas ou aquelas habilidades técnicas da arte; e educar nelas habilidades para perceber e vivenciar obras de arte. Nos apropriamos de sua proposta compreendendo que a educação estética é um ato educativo, político e cultural, de trabalho com a técnica, a criação e a vivência estética, realizado por pessoas que, por serem sujeitos de relação, experimentam o diálogo com o outro, consigo e com os signos da arte





(Pederiva, Oliveira, Miranda & Pederiva, 2022; Silva & Magiolino, 2024).

O desenvolvimento do psiquismo acontece nos caminhos do desenvolvimento cultural seja pelo domínio dos meios externos da cultura - fala, escrita, aritmética - ou do aperfeiçoamento interno das próprias funções psíquicas - atenção voluntária, memória lógica, pensamento abstrato, formação de conceitos, livre-arbítrio (Vigotski, 2011). O mecanismo psicológico tem sua origem determinada pelo valor que cada cultura e sociedade atribui a tal ou qual função (Vigotski, 1999). Assim, as funções psicológicas especificamente humanas surgem inicialmente como formas de comportamento coletivo, como formas de colaboração com outras pessoas e somente depois se tornam funções internas individuais (Vigotski, 2018). Por isso, espaços educativos com arte podem ser organizados para potencializar o desenvolvimento, despertar a percepção, favorecer a expressão do corpo inserido na cultura e ampliar as experiências (Pederiva, Oliveira, Miranda & Pederiva, 2022).

Se o(a) artista é aquele(a) que faz encarnar os frutos de sua imaginação em determinadas formas e materiais, que dependem do seu conhecimento técnico e das tradições (Vigotski, 2009), o(a) educador(a) é aquele(a) que pode organizar os espaços educativos com arte para provocar nos educandos e educandas as mais inusitadas sensações, afetos, vivências e experimentações (Pederiva, Oliveira, Miranda & Pederiva, 2022).

Souza, Dugnani e Reis (2018) entendem que a produção artística é uma linguagem que tem sua gênese nas relações sociais, detém a especificidade de ser potência que afeta os sujeitos pela via do sensível, encarnando-se em conteúdos e formas da cultura e pode promover o estranhamento da realidade. O estranhamento emerge do caráter

aberto da produção artística e estabelece as condições para a produção de novos significados e sentidos em relação ao vivido (Souza, Dugnani & Reis, 2018).

Para despertar estranhamento com nossa ação de educação estética, enformamos nossa intervenção em um espaço fora da sala de aula, e utilizamos um objeto fundamental e ordinário nos ambientes escolares e acadêmicos, o mural. Os inúmeros avisos da vida universitária (cards de eventos, calendário de provas, grade de horários) foram totalmente substituídos por uma cobertura nova como acontece nas paredes de museus a cada exposição. Como as paredes dos museus, a superfície do mural sustentou a produção artística e/ou notas sobre ela - título, nome da artista, data de criação, materiais utilizados, dimensões, etc. Esse objeto-híbrido, instalado no salão de passagem, articulou um questionamento: estamos na universidade ou em uma galeria de arte? Onde termina a criação e começa a psicologia? Essa foi a primeira ativação de estranhamento.

A segunda ativação foi o convite à participação mediante a intervenção no mural. Nosso encontro com a arte participativa de autores como Ana Teixeira, Helio Oiticica, Lygia Clark nos incita a experimentar outras formas de interação nas quais a mera contemplação é substituída pela potência do gesto. Acrescentamos a interatividade como projeto de deslocamento do mural-objeto para o mural-plano de práticas colaborativas³. As mediações que propusemos fizeram encontrar artistas, produções artísticas e corpos expressivo-criadores, convidando à participação, ao deslocamento do psiquismo e à expansão da consciência, nos termos de uma educação estética histórico-cultural. Na próxima seção, detalhamos a metodologia de construção do *Mural interativo: colando imagens e sentidos*, como um dos produtos do projeto de extensão “Intervenções psicológicas

³ Encontramos o termo “práticas colaborativas” em Aquino (2016).





com uso de materialidades artísticas mediadoras de desenvolvimento de pessoas e de comunidades”.

Metodologia

Desenhamos o projeto de extensão “Intervenções psicológicas com uso de materialidades artísticas mediadoras de desenvolvimento de pessoas e de comunidades” como uma proposta de integrar as psicologias: do desenvolvimento, escolar e comunitária. No convite também chamamos os(as) estudantes para aprofundamento da teoria histórico-cultural, que é nossa base teórico-metodológica e ético-estética de onde surgiria nosso produto da extensão como ferramenta criadora de experimentações de novos modos de intervenção na realidade. Entendemos que a(o) psicóloga(o) deve saber se comunicar com linguagens diversas como a visual, sonora, corporal e digital para se expressar e partilhar informações (Brasil, 2023). Assim, ao transformarmos o produto do projeto de extensão em uma ferramenta da educação estética, acionamos a criação como conteúdo e vivência da formação em psicologia.

O objetivo principal do projeto era compor coletivamente proposições estéticas mediadoras da movimentação da consciência e do aprimoramento das funções psicológicas complexas - atenção, memória, pensamento abstrato, percepção, imaginação, criação - organizando-as em um produto técnico. Como objetivos específicos pretendíamos (a) construir saberes teóricos e metodológicos sobre o potencial da arte e da criação, a partir da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano; (b) vivenciar momentos de apreciação estética de produções artísticas (performance, música, artes visuais, etc.); (c) investigar o potencial de mediação das produções artísticas na atuação profissional de psicólogas e psicólogos; (d) pesquisar produções artísticas que pudessem ser utilizadas como mediadoras na ampliação da consciência; e (e) estudar as características das oficinas como estratégia metodológica.

O projeto de extensão teve carga horária de 21 horas, com certificado após a conclusão. Foram propostos cinco encontros online para abarcar os seguintes conteúdos programáticos: (1) O que é arte? O que é criação?; (2) Educação estética; (3) Estudo do processo criativo de artista; (4) A oficina como estratégia de intervenção; e (5) O ciclo da criação. Cada um dos cinco encontros síncronos teve duração de três horas. No espaço entre um encontro e outro, foram realizadas atividades, leituras, pesquisa bibliográfica, registro escrito na forma de relato de experiências, entre outros.

O projeto de extensão foi anunciado aos (às) estudantes de psicologia como uma oportunidade de (a) conhecer uma metodologia de investigação e de intervenção em psicologia voltada para grupos e comunidades; (b) fortalecer o compromisso ético-político da psicologia com a justiça social; (c) aprofundar conceituações da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano; e (d) ampliar repertório de recursos de mediação para a intervenção psicológica.

Além de conteúdos dos encontros entre estudante e professora, as produções artísticas foram recursos mediadores na mobilização do desenvolvimento de funções psicológicas complexas, na ampliação da consciência sobre nós mesmas e o contexto social, na circulação de afetos e na provocação para a criação. A proposta tem inspiração e fundamento teórico-metodológico em diversas leituras e estudos como Vigotski (2004, 2025), Da Ros et al. (2006), Souza et al. (2016), Zanella (2020), entre outros. Ao longo dos encontros, acionamos e fomos acionadas pelo caminhar; pela colagem; pelo quadrinho; pelos jogos; pelos mapas; pelo autorretrato; pelas proposições; pela assemblage; pela performance; e pela ação de rua como práticas estéticas.

Entramos em uma *zona de desenvolvimento iminente*, conceito cunhado por Vigotski, e que se constitui como lugar em que o outro social mais competente organiza





espaços educativos para oportunizar movimentações afetivas e cognitivas. Como em uma gangorra, a cada momento, uma de nós compartilhava seus recortes de mundo, em imagens, textos e gestos. Nossas trajetórias de pesquisas e de experimentações individuais com arte foram encontrando vias para uma caminhada conjunta e compartilhada. Aproximando, sobrepondo e deslocando nossos repertórios teóricos e estéticos, fizemos nossa primeira colagem conjunta: uma vizinhança de criadores de muitas origens e linguagens. Esse é o mapa alfabético da vizinhança que criamos: Aldous Huxley, Ana Teixeira, Domitila de Paulo, Frida Kahlo, Hélio Oiticica, Jean-Michel Basquiat, Joseph Kosuth, Lev Vigotski, Lygia Clark, Maria Martins, Negro M.I.A., Nise da Silveira, Patrícia Pederiva, Raíque Moura, Remedios Varo, Renata Felinto, René Magritte, Rosana Paulino e Virgínia Kastrup.

Em nossas trocas, percebemos a colagem como a linguagem que provocou maior ressonância entre nós. Por isso decidimos que nossa ação de educação estética se materializaria através dela. A colagem é uma linguagem artística que se apropria de imagens pré-existentes para propor novas possibilidades de significação da realidade. O gesto de justapor imagens e significados faz do sujeito um orquestrador de novas relações com os pedaços de mundo por ele apropriados. Esse movimento também acontece no psiquismo, que aciona novos arranjos para os momentos, interações e experiências de nossa vida cotidiana (Camargo, Silva, Carvalho & Souza, 2023).

Depois da escolha da colagem como linguagem, nos dedicamos à busca pelo método-caminho. O mural interativo surgiu como relato da professora sobre um projeto anterior na psicologia escolar em que usou o mural como suporte e o convite participativo como ferramentas de mediação para fomentar integração e vivência lúdica entre os membros da comunidade universitária. O encontro no projeto de extensão “Intervenções psicológicas

com uso de materialidades artísticas mediadoras de desenvolvimento de pessoas e de comunidades” adicionou novas possibilidades ao mural interativo. Este foi ressignificado: passou de um espaço lúdico e de integração comunitária para um espaço de vivências estéticas e de formação estética.

Aqui apresentamos o círculo completo da atividade criadora, que interconecta realidade, imaginação e criação. Como nos ensina Vigotski (2009), o círculo se inicia quando os elementos são hauridos da realidade pela pessoa. Em sua imaginação são submetidos a uma complexa reelaboração, e voltam para a realidade como produtos cristalizados da imaginação. Na realidade, atuam como “nova força ativa que a modifica” (Vigotski, 2009, p. 30). O produto do projeto de extensão movimentou a busca por elementos da realidade - educação estética, colagem e mural interativo - que sofreram complexas reelaborações nos corpos de estudante e professora, tornando-se imaginação cristalizada que encarnou-se na forma do *Mural interativo: colando imagens e sentidos*, que aconteceu na primeira semana de aula.

O *Mural interativo: colando imagens e sentidos* é esse produto encarnado da nossa imaginação que esperávamos atuar como força ativa na formação estética da comunidade de estudantes de psicologia. A ação profissional do psicólogo deve levar em conta o mapeamento da dinâmica social, cultural e política dos contextos de atuação. Por isso, a ação educativa através do mural deve ter como fundamento o conhecimento e a compreensão do contexto histórico, político, social e cultural dos sujeitos, da comunidade e da organização, respeitando as diversidades de gênero, sociocultural, étnico-racial, religiosa e outras (Brasil, 2023).

Sendo o mural uma ação interativa, atividades de mobilização do público devem ser consideradas. Devemos pressupor uma ativação que provoque a passagem da observação passiva ou meramente





contemplativa para a ação participativa. Se a decisão for pela presença de um corpo propositor(a), devemos considerar uma ação de formação para essa(s) e esse(s) que levanta(m) e sustenta(m) a participação. Para a ação de formação devemos considerar tempo, formato e conteúdo. A mediação cultural com o público, sugere Aquino (2016), como na arte, deve ser “fundamentalmente a construção de experiências que friccionam arte, política, educação e sociedade em diferentes escalas” ao invés de fonte de informação que reduz o diálogo. Ela deve considerar o intercâmbio e o encontro como formas de construção de conhecimento (Aquino, 2016, p. 99).

Para que o mural atue como ferramenta mediadora da formação estética de estudantes de psicologia, estabelecemos alguns de seus elementos constituintes. Esses elementos serão anunciados a seguir. (1) Objetivo: é a partilha de nossa intencionalidade com a proposição do mural interativo como ferramenta mediadora. (2) Temporalidade: é a definição do tempo de duração do mural interativo. (3) Suporte: é o espaço físico do mural, que pode surgir da ressignificação de um mural já existente ou ser um objeto novo no território compartilhado pelos membros da comunidade educativa. (4) Dimensões físicas do suporte: é a medida do espaço do mural que deve ter relação com os materiais utilizados. (5) Superfície do mural: é a matéria de que é feita a superfície do mural, a qual orienta e é orientada pelas escolhas dos outros materiais que serão utilizados. (6) Materiais: são os elementos selecionados que oferecem conteúdo para as intervenções no mural. (7) Público-alvo: é a comunidade que recebe o mural interativo como uma ação de educação estética. (8) Tema: é o assunto que será abordado e analisado na ação de educação estética. (9) Programa de montagem: é o detalhamento do planejamento, organizado por dia, o que inclui título, tema, objetivo, texto da ficha de mediação, materialidade mediadora, material, proposição e avaliação. (10) Título: é o nome do mural interativo de determinado dia. Ele é a forma como o mural se convida à

participação de quem o percebe. (11) Avaliação: é o método escolhido para se ter acesso às apropriações singulares dos(as) participantes, significações essas provocadas pelo encontro com o mural interativo como ferramenta de mediação para educação estética. (12) Ficha de mediação: é um retângulo posicionado no canto do mural interativo tal como ficam as legendas ou etiquetas de identificação das produções artísticas instaladas nas paredes dos museus. Na ficha, em forma de texto, são apresentados o objetivo e o tema do mural; uma introdução que relaciona conteúdo da teoria histórico-cultural com um conceito e/ou uma informação do campo da arte; e uma proposição que convida ao gesto de interferir e de participar na composição coletiva do mural interativo.

O mural interativo em ação

Essa seção é constituída pelos relatos de vivências da estudante idealizadora da ação, dos e das estudantes que atuaram como ativadores na ação e dos participantes da ação. A estudante idealizadora e os(as) estudantes que atuaram como ativadores(as) na ação foram convidados(as) a escreverem um relato de vivências com a seguinte proposta: “como foi para você a vivência do mural interativo; e como você conecta a vivência do mural interativo com sua formação em psicologia”. Já a percepção dos e das participantes sobre o mural interativo foram conhecidas mediante as respostas produzidas em questionários de avaliação disponibilizados a cada dia.

O primeiro dia do mural teve como tema a “Criação como Necessidade Humana” e como título “Dar Palavra à Imagem”. Neste dia, convidamos cada pessoa a observar a produção artística da estudante Luana Alves Brunes sobre suas imersões teóricas e imaginativas diante do encontro entre psicologia e arte. Após observar essa produção, convidamos os(as) participantes a nomear, a dar título a essa obra, conforme as sensações e impressões despertadas. Em relato posterior, a artista e uma das idealizadoras da atividade descreve um pouco de seu processo





criativo e de suas impressões ao ver sua produção artística sendo contemplada:

A minha proposição com a colagem criada foi trazer a questão tempo, tanto na obra, quanto na ação, pois, para mim, é necessário tempo para criar, para observar, para sentir e, principalmente, para a possibilidade de recombinação de todas essas outras questões em um único título. Ver as pessoas disponibilizando pelo menos um minuto da atenção para a formação de uma colagem de nomes e palavras para aquela imagem, foi algo muito especial. Pessoas que realmente pararam por algum tempo e criaram suas próprias significações a partir da observação que fizeram, constituíram conosco a ideia principal do dia.

Neste primeiro dia, 17 pessoas responderam ao questionário, sendo 2 estudantes de direito, 1 de jornalismo, 1 de pedagogia, 7 de psicologia e 6 de publicidade e propaganda. Consideramos para análise somente as respostas dos(as) estudantes de psicologia, em função do objetivo da investigação, no entanto, avaliamos como muito positiva a participação de estudantes de outros cursos e sugerimos que o tema da formação estética pode ser estendido a outras áreas em investigações futuras. A pergunta do questionário “como foi dar palavra à imagem?” foi respondida com ações de valorização da atividade como interessante, experiência única e outras. Também suscitou a avaliação do formato da ação como bem diferente e atual. Por fim, mobilizou reflexões como a possibilidade de diversas interpretações de uma imagem e a diferença entre o tempo do corpo e o tempo da mente.

Diante da pergunta “O mural te fez lembrar de alguma experiência anterior? Se sim, qual?”, as falas registradas no questionário foram diretas como sim e não. As respostas positivas receberam complementos com uma palavra única a exemplo de adolescência e de transformação. Outras pessoas formularam respostas mais longas para enunciar a interpretação que fizeram da produção artística.

No segundo dia, com o tema “Arte e a Realidade” e título “Colar a realidade”, os(as) participantes foram convidados(as) a lerem uma pequena biografia da médica psiquiatra Nise da Silveira, importante referência da luta antimanicomial. Nesta biografia, situamos sua trajetória histórica, e alguns dos impactos de sua atuação nos campos da psicologia, da psiquiatria e da cultura. Depois da leitura, propusemos que cada pessoa colaborasse na construção de um retrato de Nise em que estivessem presentes os diversos elementos, reais e imaginados, de sua biografia.

Das impressões relatadas pelos(as) ativadores do dia, destacamos o questionamento constante apresentado a eles(as) pelos(as) participantes “é só colar?”. Com relação aos gestos, os(as) ativadores(as) relataram que a maioria dos(as) participantes, apesar do receio, colava uma ou duas imagens de acordo com a proposta, e que algumas pessoas apresentaram autopercepções de não serem capazes de tal ato, mesmo sendo “apenas colar”. Diante desses gestos, uma das ativadoras escreveu no relato de vivências:

Acredito que propostas como a ação do mural sejam necessárias para trazermos uma revolução para crenças como essa, de que essa atividade criadora é para poucos. Todos temos esse potencial criador, é preciso que o despertemos.

No segundo dia do mural, o formulário de avaliação recebeu 3 respostas de estudantes de publicidade e propaganda e 12 respostas de graduandos(as) psicologia. Dos estudantes de psicologia, 7 marcaram não conhecer Nise da Silveira, 3 disseram conhecer um pouco e 3 disseram conhecer a psiquiatra. Ao questionar o(a) participante sobre como foi contar a história de Nise a partir de imagens, obtivemos como respostas impressões genéricas como ter sido “muito interessante”. Algumas pessoas se remeteram à Nise como um marco e como um ser revolucionário. Outros participantes avaliaram como importante compartilhar a história de Nise e ser bom expressar-se através





da arte. Somente um(a) participante respondeu não saber.

Quanto ao questionamento se o mural fez lembrar de alguma experiência anterior, os(as) participantes que responderam sim, explicaram que o mural de Nise lhes lembrou distintas situações. Estas situações foram: a importância do gesto de começar, uma ida a um museu de artes, o filme de Nise e sua história considerada perfeita pelo(a) participante, um costume pessoal de colar coisas do jornal no caderno, e uma matéria realizada na faculdade. Seis participantes responderam que o mural não lhes lembrou experiência anterior e um participante elogiou a iniciativa do mural.

Em função da organização da faculdade, o terceiro dia do mural não pode acontecer conforme a programação. A equipe executora decidiu realizar o planejamento do terceiro dia junto ao planejamento do quarto e último dia, dividindo o mural em duas propostas.

O mural do dia 3 teve como tema “Recombinar o Mundo” e como título “Colar o novo e de novo”. Os(as) estudantes foram convidados(as) a criarem livremente, recombinao imagens, sentidos, memórias, ideias e percepções para construir algo completamente novo, através de imagens, recortes e objetos disponíveis. A estudante propositora construiu o seguinte relato de vivências após a intervenção apresentando suas impressões sobre o mural “Colar o novo e de novo”:

(...) todos perguntavam novamente “é só colar” “- sim, é só colar!”, e o resultado foi lindo, tivemos colagens sobre colagens, pessoas trazendo significações para o que estavam colando: um grupo de colegas se juntou e cada um colou uma imagem que o representava e por final uniram-se com barbante ao redor; um colega colou o que pra ele representava o céu: a imagem de um cachorro que parecia o seu em uma cama com livros ao redor; colei um gatinho carnavalesco para representar a ansiedade pelo feriado...

foram tantas colagens que a metade do mural reservada para a quarta proposta foi “invasa” pelas imagens, desenhos e frases realizadas. De certa forma essa “invasão” trouxe também a proposição da quarta proposta, apareceram grandes histórias e pequenas frases com colagens que traduziam o contexto compreendido.

O questionário do mural do dia 3 foi respondido por 13 participantes, sendo 5 do curso de direito, 4 do curso de psicologia e 4 do curso de publicidade e propaganda. A pergunta “como foi pra você criar a partir de uma tela em branco?” foi respondida com intervenções de valorização do mural a exemplo de foi legal e com uma resposta diferente disso expressa em “dá ansiedade”. Considerando o caráter espontâneo da participação, escutamos o relato “dá ansiedade” como um sentimento de incerteza frente a uma proposta nova e incomum, o que reforça a necessidade de organização de mais ações de educação estética para o desenvolvimento da função psicológica cultural da criação de estudantes de psicologia.

Diante do questionamento sobre se a colagem ajudou a expressar algo, os(as) quatro participantes da psicologia responderam que sim. Na complementação, disseram que a colagem ajudou a expressar arte, a expressar os estudos e a ser mais criativo, e um(a) participante disse que o mural foi inovador.

O quarto dia do mural teve como tema “Vivência Estética” e como título “Dar contexto à imagem”. Cada pessoa foi convidada a transformar sua vivência estética com as obras “O impossível” de Maria Martins (escultora brasileira), “Papilla Estelar” de Remedios Varo (pintora espanhola) e “As duas Fridas” de Frida Kahlo (pintora mexicana) em produção narrativa. O exercício teve como objetivo principal promover a articulação entre percepção, imaginação, emoção e linguagem para contar uma história em que essa imagem seja cena ou contexto para os acontecimentos. Alguns textos foram colados no mural, mas somente duas pessoas responderam ao





questionário de avaliação, as duas faziam publicidade e propaganda. Por isso, não pudemos avaliar as respostas dos(as) estudantes de psicologia.

O registro fotográfico (anexo) apresenta a organização do mural, dividido nas propostas do terceiro e quarto dia. Ele é o retrato visual da impressão descrita pela estudante proponente em seu relato de vivências de que houve uma “invasão” da proposta 3 em direção à proposta 4.

A transversalização dos relatos de vivências da estudante proponente e dos(as) ativadores(as) possibilitaram a construção de uma avaliação dos efeitos do mural não só para os(as) participantes, mas para aqueles e aquelas que incentivaram o gesto de participar, principalmente com relação a sua formação em psicologia. Destacamos os seguintes temas comuns aos relatos: a enunciação de diálogos entre arte e psicologia; a importância da atividade da ativação na construção de um lugar seguro para expressão; e a percepção sobre novos modos de escuta da diversidade.

Um(a) dos ativadoras(es) observou que o mural permite uma escuta com os olhos, destacando que a formação em psicologia exige muitas competências, entre elas o olhar humano, empático e aberto para a diversidade pessoal, cultural e social. O mural foi apresentado por um(a) dos ativadores(as) como uma oportunidade de resgate de desejos antigos de articular arte e psicologia. Outro(a) ativador(a) destacou que o mural permitiu ver como a arte é capaz de unir e acolher.

A ativação foi percebida como uma atividade não apenas de organização de materiais e orientação de colegas, mas de acompanhamento de processos criativos. A atividade de ativação permitiu observar como cada escolha revela algo singular como gostos, referências, emoções e intenções e que as mesmas imagens despertavam narrativas completamente distintas. Uma outra observação sobre a atividade de ativação foi que o(a) ativador(a) deve incentivar e acolher as interpretações e estimular as pessoas a se

arriscarem a dizer o que viam, destacando a necessidade de apoio à expressão.

A experiência do mural tornou possível a pluralidade das percepções, evidenciando que cada sujeito organiza o mundo a partir da sua história, repertório e afetos. Essa experiência também possibilitou perceber que não existe uma leitura única e “certa”, mas múltiplas formas legítimas de significar uma mesma cena.

O mural interativo foi percebido por um dos(as) ativadores(as) como movimento artístico pelos corredores da nossa faculdade que emergiu como contraponto a demandas, distrações e excessos tão comuns na contemporaneidade, que não permitem a pausa para admirar, pensar e refletir. Avaliamos que o mural interativo como espaço de formação, de expressão e de criação foi significado em relação à cultura acadêmica instituída como algo inovador e interessante. Percebemos que em alguma medida ele atingiu nossos objetivos de constituir-se como lugar de ampliação da percepção, de expressão e de significação e de ressignificação de afetos, de fruição estética em coletivo, de exposição de diferenças e de dissensos, e de exercício da participação.

Considerações Finais

O Mural interativo: colando imagens e sentidos foi desenvolvido como um produto do projeto de extensão “Intervenções psicológicas com uso de materialidades artísticas mediadoras de desenvolvimento de pessoas e de comunidades”, na ênfase curricular dos processos educativos. É uma instalação no ambiente universitário, realizada durante a semana de volta às aulas do curso de psicologia como uma ação de acolhimento. Esteve no salão de passagem cobrindo o mural de avisos para instituir-se como outro espaço, ativando uma zona de estranhamento. Estávamos em um museu ou em uma faculdade?

Neste texto fizemos o relato do processo de construção do mural interativo como ferramenta de mediação para educação estética de estudantes de psicologia. No tempo





do projeto de extensão, habitamos os espaços de fronteiras entre educação, psicologia e arte. Entremamos realidade e imaginação em atos de participação inspiradores de novas formas de afeto, de pensamento e de ação, desenhando o círculo completo da atividade criadora.

A ressignificação de um objeto rotineiro como um mural de avisos é um convite à comunidade acadêmica da psicologia para estranhar e abrir brechas na realidade e para descobrir e inventar novas formas de comunicação, de escuta e de intervenção. Com o mural interativo, propusemos o corredor como extensão da formação universitária da sala de aula, e propusemos a formação estética na universidade, somando-se aos dispositivos de arte e de cultura. O mural tornou-se simultaneamente ferramenta de formação e de investigação, movimentos integrados por uma experiência coletiva e participativa. Além disso, ele é um artefato educativo que pode ser trabalho em diversos contextos institucionais e comunitários. O contato com o mural pode contribuir para ampliação dos modos de comunicação e de intervenção das(os) psicólogas(os) nos variados contextos sociais em que atuam, constituindo-se como uma ação formadora da dimensão extensionista.

Referências

- Aquino, R. (2016). Arte participativa, mediação cultural e práticas colaborativas: perspectivas para uma curadoria expandida. *Repertório, Salvador*, 27, 90-103.
- Camargo, T. D., Silva, R. V. N. D., Carvalho, R. M. D. A. F., & Souza, V. L. T. D. (2023). Arte e Psicologia: A colagem como instrumento de trabalho do psicólogo. *Revista Psicopedagogia*, 40(122), 271-275.
- Da Ros, S. Z., Maheirie, K. & Zanella, A. V. (Orgs.). (2006). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e(em) experiência*. Florianópolis: Editora da UFSC NUP/CED/UFSC.
- Pederiva, P., Oliveira, D., Miranda, J. V., & Pederiva, M. (2022). Os signos artísticos e a educação estética em Vigotski. *Educação & Realidade*, 47, e116929.
- Resolução CNE/CES n. 1, de 11 de outubro de 2023. (2023, 23 de outubro). Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia.
- Silva, D. N. H., & Magiolino, L. (2024). Educação estética: princípios e fundamentos a partir das elaborações de LS Vigotski. *Cadernos CEDES*, 44(124), 268-279.
- Souza, V. D., Petroni, A. P., & Andrada, P. D. (2016). *A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Edições Loyola.
- Souza, V. L. T. D., Dugnani, L. A. C., & Reis, E. D. C. G. D. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(04), 375-388.
- Vigotski, L. S. (1999). *Teoria e método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2004). *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática.
- Vigotski, L. S. (2011). A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. *Educação e Pesquisa*, 37(4), 863-869.
- Vigotski, L. S. (2018). *7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Rio de Janeiro: E-Papers.
- Vigotski, L. S. (2025). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Mireveja.
- Zanella, A. V. (2020). *Psicologia histórico-cultural: aproximações a alguns de seus*





fundamentos e conceitos. Florianópolis:
Edições do Bosque. NUPPE/CFC/UFSC.

Agradecimentos

Agradecemos à professora Herica Landi, coordenadora do curso de psicologia da Unialfa, pelo espaço e apoio na realização desse projeto. Agradecemos aos(às) estudantes de psicologia Blayner Silva Melo, Erica da Paixão Félix, Igor Marciel Alves Silva, Milena Marreiros Santos e Maria Eduarda Xavier Medina que atuaram junto com Luana Alves Brunes na mediação do mural interativo na semana de acolhimento aos(às) calouros(as).

Anexo

